

RECORTES DE UMA HISTÓRIA COTIDIANA **GIANE MARIA DE SOUZA** **GABRIELA MORAES PEREIRA**

Introdução

O projeto de pesquisa “A imagem do cotidiano urbano e cultural de Joinville”, foi aprovado pelo Edital de Apoio às Artes e à Cultura – Sistema Municipal de Desenvolvimento pela Cultura – Simdec - Fundação Cultural de Joinville, em 2009. A pesquisa foi realizada numa tentativa de revelar uma leitura urbana popular por meio das percepções e narrativas dos usuários da praça Nereu Ramos, localizada no centro de Joinville/SC. Essa experiência foi publicada na Revista do Arquivo Histórico de Joinville e esse artigo permite apontamentos sobre os fragmentos das premissas teóricas metodológicas da pesquisa histórica desenvolvida.

A percepção do espaço urbano e cultural por um povo é algo imprescindível para aqueles que trabalham na cidade, trabalham para a cidade e, essencialmente, para quem vive na cidade. No cotidiano se criam as relações identitárias de pertencimento, condição *sine qua non* para o estabelecimento simbólico do espaço urbano. O habitante da cidade gera, a partir de sua apreensão cidadina, espaços de sociabilidades e estratégias de sobrevivência, seja no trajeto de casa-trabalho, casa-escola, casa-lazer ou vice-versa. Por consequência, essa ocupação territorial cria experiências urbanas singulares, possíveis de serem identificadas por alguns instrumentos de pesquisa científica, entre eles, os mapas mentais¹.

A proposta de pensar a cidade com a ajuda dos olhos dos outros numa tentativa de compreender a história, a memória, a arquitetura e a paisagem urbana que formam um repertório ritmado e polifônico da cidade e são diariamente emanados por seus espaços culturais de socialização.

¹ A experiência de Mapas Mentais, aqui utilizada foi apresentada como instrumento de pesquisa na dissertação de mestrado intitulada: Por uma metodologia de leitura popular aplicada ao planejamento urbano, de VAZ, Murad Jorge Mussi, no ano de 2006, na Universidade Federal de Santa Catarina tendo como objeto de análise o Largo da Ordem em Curitiba/PR.

A metodologia adotada para a pesquisa se desenvolveu em três momentos distintos: 1) Levantamento do histórico social, econômico, arquitetônico e urbanístico da Praça no Arquivo Histórico de Joinville e na Coordenadoria de Patrimônio Cultural; 2) Observação e pesquisa em *locus* na praça - coleta de fotografias e entrevistas com descrição oral do trajeto percorrido ou não, e execução da técnica de mapa mental a fim de identificar a relação do usuário com a praça. Por meio da abordagem de três grupos específicos de público - frequentadores da praça, transeuntes e pessoas que não estavam na praça na realização da abordagem; 3) Compilação, exposição e publicação dos resultados da pesquisa a partir de análise do mapa desenhado e relação das significações que o transeunte/usuário estabelece com a rua e as edificações do entorno da praça.

O retorno à população, do trabalho realizado, aconteceu por meio de uma exposição do material da pesquisa, lançada na própria praça Nereu Ramos e posteriormente na Estação da Memória. Foram confrontados os resultados da leitura histórica construída na primeira etapa e esses expressos nos mapas mentais e depoimentos, em 22 banners e folders explicativos. Esse material foi exposto na praça durante o período de 16 a 22 de dezembro de 2009. Os banners foram expostos em diversos pontos da praça fazendo referência aos principais edifícios do entorno e dos elementos mais importantes da praça ou daqueles despercebidos no local, como a figueira. Paralelamente à exposição foram realizadas novas abordagens com as pessoas que por ali passavam.

O presente artigo recompõe, a priori, uma das finalidades dessa pesquisa, a publicação científica dos resultados. A necessária leitura teórica dos elementos apresentados por meio dos desenhos/mapas explicita a relação de valores e hierarquias culturais e sociais que são estabelecidas pelo usuário/transeunte do seu entendimento sobre a cidade que habita.

Praça Nereu Ramos

Os contextos históricos da praça Nereu Ramos, como sua origem, principais modificações urbanísticas e paisagísticas, relevância geográfica para a cidade, principais fatos históricos e inserção social e urbana enquanto equipamento público, foram

pesquisados no Arquivo Histórico de Joinville a partir do acervo iconográfico e sua hemeroteca, como suporte e aporte para o desenvolvimento da pesquisa teórica.

O local onde desde a década de 40 está situada a praça Nereu Ramos no século passado era propriedade da viúva Hasse. O terreno era extenso e incluía todo aquele quarteirão, da esquina com a rua Engenheiro Niemeyer até a rua 9 de Março, na antiga Farmácia Leão, e a frente era para a rua do Príncipe. Depois a viúva vendeu o terreno e nele foram instaladas as dependências da antiga prefeitura de Joinville e da Câmara de Vereadores e, posteriormente, a praça, que abrigava os correios e o escritório do Moinho Rio Grandense. Mesmo depois de lotear e vender a área, a viúva Hasse continuou residindo no local, em uma casa voltada para a rua São Joaquim. (DIAS, 1998)

A praça é uma das mais importantes de Joinville, criada em meados do século 20, a partir do núcleo central histórico estabelecido na região da Rua dos Príncipes, antiga Rua da Olaria. Anteriormente, chamava-se praça maestro Carlos Gomes e passou a se chamar Jardim Nereu Ramos em 1939, por decreto do prefeito Joaquim Wolff. A nova denominação serviu para homenagear o interventor federal Nereu Ramos, no Estado Novo (1937-1945). Ramos era um dos líderes e apologistas da Campanha de Nacionalização no sul do país. Além de trocar os nomes estrangeiros das praças, ruas, escolas, a Nacionalização também promoveu a perseguição de inúmeros descendentes teuto germânicos. Em Joinville, houve o fechamento do jornal *Kolonie Zeitung*, e da *Deutsche Schule* – antiga escola alemã – atual Colégio Bom Jesus. (FICKER, 2008)

A praça mantém sua configuração inicial, como visto na figura 1, e abriga em seu espaço a edificação da antiga sede dos Correios e Telégraphos, fundada na década de 1930, atual Instituto de Previdência Social dos Servidores Públicos de Joinville – Ipreville. A edificação, segundo o Livro Tombo (n.011) da Coordenadoria do Patrimônio, remete-se ao estilo arquitetônico *art déco*.

No entorno da praça destaca-se um conjunto arquitetônico de valor histórico singular, o imponente Palacete Schlemm, na esquina das ruas do Príncipe com Jerônimo Coelho. “A edificação é um exemplar arquitetônico da última fase do ecletismo, marcado por riqueza ornamental e pela movimentação volumétrica do telhado. Esta imponente edificação desenvolve-se em três pavimentos e sótão e foi construída em alvenaria rebocada”. (COORDENADORIA DO PATRIMONIO CULTURAL, s/d)

Já na esquina da Rua do Príncipe com Engenheiro Niemayer encontra-se a edificação do antigo escritório do ex-prefeito de Joinville, Abdon Batista (1920). O casario passou por inúmeras utilizações. A edificação já abrigou a Escola Sid de Datilografia e durante a aplicação desta pesquisa, a edificação estava locada para o escritório da Fininvest e, atualmente, abriga a ótica São José. Em Joinville, os prédios históricos são pouco conhecidos pela população, que em uma boa parte migrou para a cidade e conheceu o centro, a praça e seu entorno parcialmente em diferentes épocas, já que o centro da cidade passou por diversas revitalizações e intervenções urbanísticas. Essas modificações de usos de algumas edificações e de paisagem urbana muitas vezes confundem e criam outros marcos referenciais dos transeuntes.

Na lateral esquerda, nos fundos da praça, podemos perceber o Condomínio Manchester, primeiro edifício de Joinville, inaugurado em 1970 e quase imperceptível, escondida pelo Quiosque, imóvel locado pertencente ao Ipreville, encontra-se uma frondosa Figueira, árvore imune² a corte pela Fundação Municipal do Meio Ambiente – Fundema desde 2000.

Eu não utilizo a praça, só de carro, mas conheço! O prédio do Ipreville, o entorno, as árvores, porque isso faz parte do patrimônio. As árvores trazem contemplação, olhar o entorno, observar as coisas, observar a vida, conversar embaixo das árvores e refletir um ponto de contemplação da história. Todos os prédios históricos tentam sobreviver a toda essa modernidade. Eu marcaria um encontro no banco da praça. A praça é o coração da cidade onde tudo começou, uma artéria central da nossa cidade, toda aquela região era a parte mais nobre da cidade, onde os mais ricos moravam, hoje estão os mais marginalizados. As feiras de artesanato eram na década de 1980, quando no prédio do Ipreville era da Fundação Cultural, tinham apresentações artísticas e culturais naquela praça. Eu frequentava o Cine Colon, meu pai levava e buscava a gente. Nos domingos o meu pai sempre vinha comprar revistas ali na Casa da Revista e passávamos pela praça. Ali onde era o Edifício Freitag, tinha mais uma pracinha. (ROTHERD, 2006)

Mapas Mentais e Leituras Urbanas

Os mapas mentais ou mapas cognitivos, como Kevin Lynch (2006) convencionou denominar para a realização de uma análise e leitura das imagens das cidades, são utilizados por diversos pesquisadores. Vaz (2006) aplicou a metodologia dos mapas mentais em Curitiba, capital do estado do Paraná, no intuito de confrontar aquilo que o poder público planeja para a paisagem urbana e arquitetônica da cidade,

² Essa é uma classificação que a Fundema registrou em seu laudo técnico.

o que o autor classifica como *city marketing* – ou seja, a venda promocional de uma cidade pelos aspectos turísticos que ela apresenta e representa conforme a ótica do gestor público, completamente disforme do que pensa a população e os usuários dos equipamentos públicos. Sobretudo, “trata-se de um discurso ideológico que, em sua vertente urbana, configura políticas de promoção e legitimação de certos projetos da cidade tornados emblemáticos da época presente. Sua imagem publicitária são as chamadas cidades modelos (GARCIA, 2001 p. 156)”.

Garcia ao discorrer e aprofundar a invenção das cidades-modelos a partir da ótica da publicidade e sustentabilidade reitera a tentativa homegeinizadora de transformar a experiência cultural norteada antes por antigos marcos referenciais urbanos como igrejas, praças, casarios, museus em outros espaços de experiências sociais voltadas para o consumo. Por isso, para a autora o *city marketing* ou *marketing urbano*, ultrapassou as esferas de discussão do urbanismo e incorporou elementos de convencimento e homegeinidade social apoiados no marketing moderno, psicologia social e propaganda.

Vaz reforça também que houve uma institucionalização dos planos diretores das cidades brasileiras a partir da década de 1990 e o zoneamento e a racionalização das áreas urbanas, segundo o autor, nada mais são do que uma revisão daquilo que foi aplicado por Hausmann em Paris no século 19, uma criação salubre dos espaços públicos, um reordenamento urbano higienizado, no qual cada um teria seu lugar no espaço urbano, leia-se “seu” espaço, criando aquilo que mais tarde Le Corbusier chamaria de eixos de circulação:

Fica evidente que na sua teoria não se restringe a isso, pois conseguiu contemplar a totalidade dos aspectos urbanos, chegando mesmo a propor a idealização do homem. Um novo homem que deveria habitar uma nova cidade, a cidade funcional, racional, projetada para o homem ideal. O modular. Essa é a base para todo o planejamento de cunho tecnocrático encontrado e desenvolvido posteriormente. A cidade ordenada seria o catalisador de uma nova sociedade, baseada na máquina, na produção em série, no ordenamento e clareza formais. As cidades projetadas nesse viés, tornam-se verdadeiras anticidades promovendo o surgimento dos não-lugares. (VAZ, 2006 p.41)

O projeto de pesquisa “A imagem do cotidiano urbano e cultural de Joinville”, inspirou-se, sobretudo, no trabalho de Vaz, o qual selecionou o Largo da Ordem, em Curitiba, para a análise empírica e aplicação dos mapas mentais.

Em Joinville, não relacionamos as diretrizes do Plano Diretor da Cidade, nem tampouco, as metas e planos do Instituto de Pesquisa do Planejamento Urbano de Joinville - IPPUJ, por ser ainda uma etapa posterior e superior da pesquisa apresentada até o momento. Em um futuro próximo, serão necessárias a concatenação e a problematização das intervenções urbanas e paisagísticas conduzidas pelo poder público com aquilo que de fato pensa e deseja o cidadão.

No Largo da Ordem, Vaz (2006, p.41) identificou variantes no condicionamento das entrevistas e nas elaborações dos desenhos com os entrevistados. As diferenças no corte arquitetônico e nas escolhas das referências entre aqueles que estavam na praça no momento da entrevista e entre aqueles que não estavam, demonstram também a relação de hierarquia e poder que podem ser condicionadas pelo mediador/entrevistador:

Ao trabalhar com os conceitos de Lynch sobre as qualidades da forma pôde-se perceber sua correlação com os desenhos obtidos. O alcance visual, por exemplo, nas entrevistas feitas *in loco* os desenhos geralmente retratam o campo visual do entrevistado de maneira concreta, beirando uma continuidade espacial muito próxima à realidade – pertencendo à segunda categoria de público buscada. Na terceira categoria, na qual os entrevistados não estavam no Largo, as imagens obtidas foram tratadas com muito mais nomes e significados, os entrevistados tenderam a explicar mais aquilo que haviam retratado, e o alcance visual baseou-se simbolicamente nas imagens mentais guardadas na memória. (VAZ, 2006 p.41)

Em Joinville, também ocorreram fatores que determinaram tensionamentos e provocações na aplicabilidade da pesquisa. Inicialmente, para a etapa que compreendia a construção dos mapas mentais, foi realizada uma abordagem com cerca de 10 usuários transeuntes da praça no período da manhã, começo e final da tarde durante a semana no período matutino de sábado sendo demarcado apenas o critério de idade (jovens e idosos). Entendeu-se que, para essa triagem eram necessários horários distintos, porque há também distintas relações de usos e impressões acerca da praça ao longo do dia. Para compor a leitura urbana foi aplicado um questionário problematizando a compreensão cartográfica a partir das percepções espaciais e cognitivas do equipamento público e sua ambiência.

A análise da pesquisa piloto revelou a importância de definir melhor a abordagem realizada entre os usuários da praça para a construção dos desenhos. A solicitação prévia do desenho foi uma saída, já que a aplicação do questionário pontuava

alguns aspectos arquitetônicos e históricos que eram "lembrados" pelas pesquisadoras aos pesquisados, sendo percebida uma influência das perguntas na retratação visual do espaço da praça. A verificação de uma carga emocional em alguns desenhos do estudo piloto direcionou a abordagem para a solicitação de um desenho do "melhor momento" da praça, o que o usuário considerava mais importante ou a importância dela na cidade, assim os usuários se sentiam incentivados a fazer desenhos mais complexos, com um maior número de elementos.

Frequentemente, duas ou três vezes por semana, ando pela praça, pois trabalho no INSS. Quando passo, vejo os bancos dela, o presépio, o movimento, os barzinhos, tenho essa característica de observar o movimento, os idosos jogando dominó. Quando encontro alguém conhecido que me chama, eu paro. Quando tinha o Cine Colon aos domingos, às 18h30, a gente vinha para ir ao cinema e ficava na praça e depois ia tomar uma cerveja no Pinguim. Do outro lado da praça, eu tinha um amigo, Fernando Sá Moreira, ele me pegava em casa lá pelas 9 horas da manhã, ficávamos na praça e depois íamos na Disney Lanches, tomava um chocolateite ou dois copos de laranjinha e depois, para relaxar, tomava uma cerveja e comia um picadinho de carne. Uma praça de manifestações, de passagem, que por estar no centro, todas as pessoas passam por ela, seja para ir à Catedral ou ao Banco. O ponto alto da praça foi quando o Lula veio para Joinville, e ele veio com o objetivo de fazer um comício em 1989 e eu fiquei o responsável por cuidar da praça, ela na época tinha um palco natural e eu fiquei vigiando para ninguém sabotar ou fizesse algum tipo de ação que pudesse prejudicar as pessoas. Nessa praça tem uma coisa muito interessante – que era a Feira de Artesanatos, aos sábados de manhã, os artesãos, os hippies, as pessoas vinham e ficavam o dia inteiro na praça. Resumindo: essa praça tem vários momentos: minha infância, minha militância política e manifestações. (COSTA, 2009)

Pedia-se uma breve explicação do desenho e a seguir era aplicado o questionário. A abordagem foi realizada pelas duas pesquisadoras no mesmo período do dia/semana e observou-se que os desenhos revelavam a importância histórica da praça, os quais retratavam elementos antes existentes, como a feira de artesanato que acontecia nos finais de semana, e os desenhos que expunham a apropriação física da praça de acordo com os "territórios criados", como, por exemplo, as mesinhas de jogos apropriadas pelos idosos, os bancos e palco utilizados pelos jovens para andar de skate ou se encontrarem na saída das aulas/trabalho, e o bar muito frequentado por usuários transeuntes ou trabalhadores do entorno.

Para a construção dos mapas mentais é importante salientar que foram relacionados três grupos de pessoas: os passantes, os usuários e os não usuários. Para tentativa de identificação do trajeto percorrido ou da realidade vivenciada ou não

através da praça Nereu Ramos, foram considerados os horários distintos de pico do trânsito (às 7h30, ao meio dia e às 18 horas). A identificação da leitura urbana e cultural da praça, por intermédio dos desenhos apresentados nos mapas, analisa sua proporção, seus elementos culturais identificados, sua forma de expressão, entre outras características.

Desta forma, o interlocutor, ao mediar sobre os motivos de utilização da praça (trabalho, lazer, ociosidade), demonstra também seu recorte espacial – a praça - dos outros pontos arquitetônicos para a construção dos mapas mentais. Então, os mapas são construídos de forma delimitada geograficamente. O pesquisado, ao ser instigado para uma participação na construção de outro olhar sobre o cotidiano urbano e cultural da cidade, desvela-se na fala e no desenho por ele elaborado.

Nessa intersecção e abordagem, a pesquisa trabalhou com conceitos ligados à noção de patrimônio, principalmente o histórico e o arquitetônico. Pelo entendimento de que o patrimônio é dinâmico e está sempre em movimento, pois sua leitura e releitura estão geograficamente e temporalmente localizadas no fazer histórico da coletividade. Por mais que uma edificação esteja estática no seu fundamento, ela não está congelada simbolicamente no seu interior e nas suas imediações, assim como na sua aparência estética. Ela sempre possuirá a interferência humana, portanto, estará sempre em constante transformação e mudança. Sua utilização e sua funcionalidade respondem também aos interesses e necessidades históricas, que em algumas vezes amparam o desejo da coletividade, e por isso, são considerados bens tombados.

Para recompor a discussão da cidade como uma obra coletiva, podemos também nos apoiar nas categorias de análise de Magnani (2007) e classificar essa experiência urbana em pedaços e manchas. Esse autor tomou como ponto de partida e análise a cidade de São Paulo e seus inúmeros grupos urbanos divididos entre seus deslocamentos, trajetos e performances. Uma mancha pode significar vários trajetos e vários pedaços e entende-se que os grupos urbanos, apesar de diferentes, podem se encontrar em um determinado lugar e formar uma mancha, apesar dos interesses diversos e antagônicos que os direcionam ao espaço, porém, a condução para um determinado lugar se dá preferencialmente por um ponto referencial, ou algo que os identifique, como um bar ou uma praça. Já os pedaços são considerados estratificações

urbanas simbólicas de interesses diversos que comungam tentativas de práticas de pertencimento – relações de vizinhança, familiar, trabalho, lazer, entre outras. Ou seja, os pedaços são invariavelmente móveis e flexíveis.

Uma vez por mês eu passo na praça. Sempre entre o dia 15 e o dia 30 – época do pagamento. Gosto de ver as pessoas jogando baralho e dominó. Acho legal o chafariz e o pessoal da terceira idade. Eu marcaria um encontro no Quiosque. O palco deveria ter mais estrutura de som, mais bancos e mais eventos. (VELOZO, 2009)

Em seu desenho, a entrevistada refere-se à praça como um lugar movimentado e repleto de pessoas. Fez referência ao Quiosque no canto superior direito, com suas mesinhas, ilustrou o chafariz em círculos concêntricos e ignorou o Prédio do Ipreville – antiga sede dos Correios. A noção espacial da entrevistada também é observada pelas vias de tráfego desenhadas - Rua do Príncipe, acima do mapa e Rua São Joaquim, abaixo e nos fundos do palco, apresenta a Rua Engenheiro Niemayer.

Os indivíduos podem possuir inúmeros pedaços, entrar em outros, assim como podem se incluir e excluir de um determinado pedaço urbano. Ou seja, quem mora ou utiliza a praça como meio de passagem ou meio de lazer, não necessariamente se abstêm da categoria pedaço ou mancha. Nesse caso, quem utiliza a praça para o entretenimento, como jogar dominó ou baralho, estabelece nela uma mancha, já que o ponto referencial para esse grupo são as mesas de jogos nesse espaço público. Os jogos na praça enquadram-se perfeitamente na categoria de manchas urbanas, até porque, majoritariamente, todas as entrevistas realizadas comentam e identificam a praça como um lugar onde os idosos ou os homens jogam. “Passo na praça duas ou três vezes por mês. O meu filho Gabriel esses dias pediu para jogar junto com os velhinhos ali na praça”. (POLEZA, 2009)

Ao contrapor o depoimento de uma operária e de uma funcionária pública, que utilizam a praça como ponto de referência para seu trajeto mensal de duas ou três vezes, caracteriza-se o lugar como um pedaço, nesse caso, para deslocamento do itinerário bancário de ambas. Já a praça, tanto pode ser pedaço ou mancha de um determinado grupo de pessoas. A pesquisa em si, confere e enquadra objetivamente as relações de usos entre permanentes ou mais frequentes. Os pedaços tornam-se algo referencial

(pontos nodais) que unem interesses coletivos ou usos esporádicos de um equipamento público.

“Acho legal ver o pessoal jogando, eu nunca vi o chafariz! Uma vez eu passei de ônibus e uma árvore caiu atrás do ônibus. Deu uma confusão. Deveria ter mais bancos para não dar aglomerado quando tem eventos” (KLITZKE, 2009). Interessante, observar que a entrevistada diz nunca ter visto o chafariz, mas o desenhou!

Isso pode ser explicado porque no mesmo momento foram entrevistadas ela e sua colega e esta havia se referido oralmente ao chafariz. Esses são os percalços da pesquisa em *locus* e da entrevista oral. O meio ambiente, as interferências externas e as influências de pensamentos interferem diretamente sobre a condução do raciocínio mental do entrevistado, muitas vezes ao fazer crer, na sua memória, uma vivência não experimentada ou não percebida.

A praça serve de passagem sempre que estou pelo centro, porque estou sem carro e ando de ônibus de vez em quando. Quando estudava nos Santos Anjos era minha passagem para o Colégio. A minha referência da praça é o edifício do correio antigo e o Cine Colon. Teve anos na época do colégio que eu sempre assistia filmes na sessão da tarde, como Tubarão e Inferno na Torre no Cine Colon, lá pelos anos 1970. Gostava dela, quando ela tinha mais árvores, quando tinha as árvores na Praça Dario Salles, ficou um concreto. Joinville é muito quente, precisa de mais árvores. O cinema é muito marcante. No Hotel Colon tinha um barzinho que a gente ia comer lanche. Plantar mais árvores, tirar o piso de concreto para dar mais drenagem e até evitar as enchentes no centro. Eu marcaria um encontro no Quiosque, parei ali no ano 2000 no Festival de Dança, no palco, hoje em dia não sei se tem ainda. (NASCIMENTO, 2009)

Uma das grandes referências da Praça Nereu Ramos, e lembrada constantemente pelos entrevistados, é o Cine Colon. Com suas matinês, foi considerado durante muitos anos, até o seu fatídico incêndio, um dos pontos de encontro da juventude de Joinville. Há relatos de que o horário das 16 horas era o mais disputado e procurado pelo público. Muitos, saudosamente, relembram seu grandioso espaço nas dependências térreas do Hotel Colon, famoso por abrigar 1.200 poltronas luxuosas e uma tela com 16 metros de largura. O Cine Colon foi construído em 14 de novembro de 1956 e, no dia 14 para 15 de novembro de 1983, “misteriosamente”, o fogo iniciou na sala de projeção e destruiu o cinema.

O patrimônio não está somente ligado à arquitetura e história oficial, há por trás dele uma multidão invisível, um sentimento de defesa daquilo que se considera de fato

patrimônio, assim, uma lembrança é um bem coletivo que deve ser respeitada como um velho cinema. Um filme antigo aparentemente inocente como o Tubarão marcou época no cinema com suas cenas de horrores e suspenses. Cenas hoje consideradas grotescas com a ascensão do cinema 3D e seus efeitos mais que especiais.

O valor de uso, prático ou teórico, da natureza do bem tombado, transcende o valor imbuído pelo profissional de arquitetura, urbanismo ou de história para o valor simbólico de apropriação pública e coletiva, ou seja, uma apropriação que pode ser interessada ou despretensiosa. Assim: “O valor do bem está implícito nas práticas sociais. Ao processo de tombamento cabe explicitar esse valor interrogando o objeto no que tange tanto às qualidades que lhe são atribuídas por um uso subjetivo, quanto àquelas desenvolvidas a um uso objetivo.” (GUEDES, 2000 p.18)

Na ordem do dia e na ordem da memória, existe um patrimônio, uma lembrança do que é a cidade e de como ela era. E talvez nunca saibamos como ela deveria ser ou será. As cenas cotidianas de alegrias e de tristezas permearam a vida de muitas pessoas que viveram a praça, principalmente na garantia da sua sobrevivência.

Os entrevistados, ao falarem da praça, rebuscavam suas referências e suas ambiências em todas as esferas de alcance cognitivo. Alguns desenharam a praça, mas não a Nereu Ramos, e sim a Lauro Muller, ou Jardim Municipal, ou a praça da Biblioteca. Sim, uma praça e muitos nomes. Ou uma praça confundida com muitas outras. Mas, o mais importante, às vezes, segundo a ótica popular, é sentar e conversar no banco da praça:

Toda manhã venho aqui, vou fazer minha caminhada. Nasci em União da Vitória, no Paraná, moro há 15 anos. Gosto dos bancos e conversar com meus companheiros. O que me chama atenção? Os amigos, os laços que criei, o logradouro em si. A interação com os meus amigos. O layout da praça é muito bom. Reforma física talvez, mas de resto está tudo bem distribuído, talvez um parque para atrair as crianças. Moro ao lado da Arena. - Talvez tenha que arborizar mais. (MESTALL, 2009)

Quando pensamos em trazer a experiência de Vaz (2006) e do Largo da Ordem para Joinville, foi principalmente, por entendermos que por mais que haja discursos saneadores e modernizantes, quem de fato conduz, gerencia e rege a orquestra urbana é o cidadão que a utiliza cotidianamente.

A cidade é uma obra de arte coletiva, como refere Octavio Ianni (1996) e habitar a cidade significa vivê-la e reconhecê-la com todos os sentidos e simbologias reais ou imaginárias, independentemente das idiossincrasias étnicas, políticas e culturais.

A instrumentalização da população e a valorização do contexto histórico e cultural da cidade se faz no contexto urbano de apropriação e confronto, numa espécie de disputa de território. Cotidianamente se criam repertórios urbanos – conduzidos pela vivência diária da população – como um ponto de partida para entender os trajetos e as performances urbanas advindas das múltiplas características culturais de um povo.

Como obra de arte coletiva, a cidade subverte a ilusão de que a obra de arte é apenas, ou principalmente, a expressão de um artista. O artista da cidade é coletivo, a coletividade, o povo a multidão. Além do arquiteto e do urbanista, pintor e escultor, técnico e planejador, político e administrador, além dos que imaginam, constroem, preservam e restauram edifícios e palácios, casas e favelas, ruas e becos, avenidas e praças, monumentos e ruínas, além de todos estes, e juntamente com eles, trabalham a população, o povo, a multidão. É a coletividade que lhe confere fisionomia e movimento, tensão e vibração, colorido e som. Sem esse povo, com sua atividade e imaginação, a cidade pode transformar-se em um espaço vazio, um deserto ermo desertado. (Idem, p. 70)

Nas grandes cidades existem espaços de sociabilidade inventados pelo poder público e outros criados pela população. Para Garcia (2001, p.158): “Guardadas as diferenças e matizes entre os variados projetos, pode-se arriscar a afirmação de que os lugares públicos criados não passam de cenários para uma sociabilidade fictícia que por sua vez produzem uma estetização das relações sociais”.

Joinville não difere do restante das cidades de médio porte. Seu centro histórico, além de possuir praças, museus, casarios, centro comercial, possuía também seu calçadão. O consolidado Calçadão, patrimônio cultural do município, não carecia de tombamento, pois assim era reconhecido pela população, que comumente, em épocas de natal, páscoa, dia das mães, dos pais, vinham para o centro, comprar uma lembrancinha. Durante muitos anos, o Calçadão, marcadamente aos sábados, enchia-se de gente. Famílias vinham passear, comprar, ou simplesmente, observar o movimento do centro. E para recepcionar os consumidores, os poetas recitavam pelos arredores, cantores tocavam e (en) cantavam em frente das lojas e artistas encenavam performances na Praça Nereu Ramos.

Em 2004, porém, iniciaram-se em Joinville, diversos conflitos e confrontos nas imediações da Praça Nereu Ramos, e o Calçadão, que para a população era motivo de lazer, de passeio familiar, para o poder público era uma via que deveria ser aberta para desafogar o trânsito da cidade. O Calçadão entrou em litígio. De um lado, a Prefeitura Municipal de Joinville com a Companhia de Desenvolvimento e Urbanização de Joinville - Conurb e a Secretaria de Infraestrutura – Seinfra, e do outro a Associação dos Artesãos de Joinville – Ajart.

A secretaria de infra-estrututa (Seinfra) da Prefeitura de Joinville começou na manhã de ontem a abertura do calçadão da Rua do Príncipe para o trânsito de veículos. Houve resistência de integrantes da Associação dos Artesãos (Ajart) que eram contra a transferência sugerida pelo poder público e deveriam ter deixado o local no prazo estabelecido pela justiça, no dia 18 de fevereiro, rumo à Praça Dario Salles. A Seinfra utilizou quatro caminhões para recolher as 80 barracas onde trabalhavam aproximadamente 100 artesãos. Ferros e lonas de barracas foram levados para um depósito da prefeitura, de acordo com Cesar Mendes, secretário-adjunto do Seinfra que supervisionou as atividades no local. Para conter os manifestantes, foi necessário reforço da cavalaria da Polícia Militar, do Grupo de Resposta Tática (GRT) e da Guarda Municipal. O presidente da associação dos ambulantes, José de Matos, foi detido duas vezes pelos soldados. Na segunda, foi algemado para a 7ª Delegacia de Polícia. Quando os funcionários começaram a desmanchar a terceira barraca, membros da Ajart deram as mãos em volta da armação e, com lágrimas nos olhos, rezaram o Pai-nosso. Em vão. Naquele momento o estalar dos metais soava mais alto. Quem acompanha a iniciativa de longe desaprovava a iniciativa. O apontador de produção Edson Figueiredo Machado, disse que o fato é uma troca de favores entre a Prefeitura e a Câmara de Dirigentes Lojistas: “A CDL é quem está financiando a campanha de diversos parlamentares nessa cidade. Para eles é muito importante tirar os artesãos daqui para aumentar os lucros dos lojistas”.

A população acompanhava com dizeres como “no bordel eles não entraram mas com trabalhadores é assim”, referindo-se ao episódio que envolve a cúpula estadual da Polícia Militar. Em meio à confusão, o proprietário de uma loja com portas para o calçadão era escoltado por policiais para chegar até seu comércio. Elmar Zimmermann³, há 15 anos trabalhando no lugar vendendo objetos de cerâmica, bordados e imãs de geladeira, também estava inconsolável. Essa abertura vai dar espaço para uns poucos carros estacionarem, até parece que não é muito, mais importante para o comércio aquele grande fluxo de pedestres que transita por aqui”. (FRANCISCO, 2006 p. 08)

³ Seu Elmar como era conhecido no Bairro Boa Vista, faleceu em 22 de abril de 2012. Importante, informar, que além de artesão, seu Elmar foi militante de movimentos sociais ligados à Teologia da Libertação na Igreja católica. Foi vereador da Câmara Municipal de Joinville de 1973 a 1977 representando o antigo MDB eleito com 2.264 votos. Nessa época, como costumava dizer, “vereador não recebia salário para representar o povo”.

Muitos entrevistados se remeteram ao Calçadão, principalmente os artesãos, que sofreram e defenderam o centro, não apenas como um lugar de comércio, de economia, mas como um lugar de referência cultural e de uma importância singular para a cidade.

A Praça deveria ser bem mais utilizada, com peças de teatro, bandas, que não tem nada em Joinville no domingo à tarde. Está pintando muita gente de rua, pessoas bebendo, a praça poderia ser utilizada melhor, já que tem um palco. Eu marcaria um encontro no Quiosque. Quando existia o calçadão era melhor, circulava mais gente, por causa do calçadão e da feira. Uma cidade sem calçadão, só Joinville! Conheço cidades bem menores que tem calçadão. (WISCHRAL, 2009)

Uma das entrevistadas não desenhou a Praça, mas sim o Calçadão. Desenhou seus colegas e parceiros de trabalho e suas respectivas barracas porque, para ela, a praça e a Feira de Artesanato eram as mesmas coisas ou parte integrante de um todo. Na entrevista, elabora seu relato a partir de seu trabalho na feira porque foi dali que constituiu sua família, conheceu seu marido e criou seus filhos.

Eu venho todos os dias na Praça, moro no Manchester. A minha referência é a Rua das Palmeiras, porque ali começou a feirinha e a figueira onde conheci o pai das meninas! Eu gostava da praça antiga, do coreto, no momento não lembro de mais nada. Eu tenho saudades do artesanato. Se tenho saudade? Bastante! Criei meus filhos aqui! Minha vida em si foi nessa praça, tinha muita festa aqui. Se fosse pra melhorar algo? Não sei, Joinville tudo é valorizado! (SANTOS, 2009)

No balé urbano das calçadas, discorrido por Jacobs (2000), a paisagem urbana é uma coreografia numa disritmia de vozes e olhos e, principalmente movimento, as calçadas, as praças, as ruas e os calçadões são palcos de barganha, de disputas de território, de negociações de sobrevivência. A cartografia urbana é reorientada, é reconduzida, é redesenhada a todo instante quando a memória em linhas tênues cruza o território delicado daquilo que se torna lugar de desordem. Nessa relação coreografada, a cidade, com os seus filhos, estabelece uma relação mítica do tempo, explicada na fábula do deus cronos que engole sua prole ao mesmo passo que os protege e depois os vomita e os coloca na insegurança e nos caminhos tortuosos e improvisados da urbes.

Sob a aparente desordem da cidade tradicional, existe, nos lugares em que ela funciona a contento, uma ordem surpreendente que garante a manutenção da segurança e a liberdade. É uma ordem complexa. Sua essência é a complexidade do uso das calçadas, que traz consigo uma sucessão permanente de olhos. Essa ordem compõe-se de movimento e mudança, e, embora se trate de vida, não de arte, podemos chamá-la, na fantasia, de forma artística da cidade e compará-la à dança – não há uma dança mecânica, com os figurantes

erguendo a perna ao mesmo tempo, rodopiando em sincronia, curvando-se juntos, mais há um balé complexo em que cada indivíduo e os grupos tem todos papéis distintos, que por milagre se reforçam mutuamente e compõe um todo ordenado. O balé da boa calçada urbana nunca se repete em outro lugar, e em qualquer lugar está sempre repleto de novas improvisações. (JACOBS, 2000 p. 52)

Considerações finais/Continuidades

Este trabalho apresenta inúmeras possibilidades de continuação de pesquisa. Futuramente será aplicado o método e a pesquisa na praça da Bandeira e praça Lauro Muller. A relevância do espaço pesquisado e a relação com a cidade e seus habitantes é marcada como uma linha tênue que separa o real do imaginário, aquilo que é desejo daquilo que é possível. Porém, a pesquisa buscou, ainda que de forma incipiente, sintetizar a relação que o transeunte/usuário estabelece com a praça, suas ruas delimitantes e o seu entorno imediato - como as edificações lindeiras - e, principalmente, identificou, nos elementos desenhados e relatos, a hierarquia de valores culturais e sociais estabelecidos pelos usuários entrevistados.

Destacou-se a relevância dos espaços públicos na construção da relação identitária entre os usuários e a praça, e o sentimento de pertencimento ao lugar e à cidade. A valorização da paisagem urbana enquanto cenário de momentos marcantes para a sociedade ou simplesmente para fatos cotidianos, relevantes ou não, passa pela possibilidade de apropriação, possível quando há a possibilidade de livre usufruto deste. Compreender quem utiliza e como é vivenciado o espaço público é de extrema relevância no planejamento da cidade e no estabelecimento de atividades culturais às quais a população possa se reconhecer em sua cultura e significados.

A pesquisa confirmou a percepção e a importância da Praça Nereu Ramos para a população, sobretudo seu papel no contexto social da cidade e revelou a importância de edifícios históricos e ruas do seu entorno. Em muitas ilações, durante a aplicação da pesquisa e exposição, foi reconhecida a importância do trabalho para o saudosismo das pessoas idosas ou para o conhecimento daqueles que não vivenciaram a praça em outras épocas. Desta forma, o interlocutor, ao mediar sobre os motivos de utilização da praça (trabalho, lazer, ociosidade), demonstrou seu recorte dos pontos arquitetônicos para a construção dos mapas mentais ao ser instigado para uma participação da construção de um outro olhar sobre o cotidiano urbano e cultural da cidade.

Bibliografia

- ARQUIVO HISTÓRICO DE JOINVILLE. Acervo Iconográfico. Figura 1.
- CINE Colon ficou na Memória dos joinvilenses. **Jornal A notícia**. An Memória Domingo. 25 fev. 2011.
- COORDENADORIA DO PATRIMONIO CULTURAL. **Livro tombo** – n. 011 e 022. Fundação Cultural. Prefeitura de Joinville, s/d.
- COSTA, Paulo Roberto. **Entrevista** concedida a Giane Maria de Souza e Gabriela Morais Pereira, 2009.
- DIAS, Maria Cristina. Cine Colon trouxe fantasia a Joinville. **Jornal A Notícia**. Joinville, 30 ago. 1998. An Cidade – caderno especial.
- IANNI, Octavio, **A cidade Global**. Companhia das Letras, São Paulo, 1996.
- JACOBS, Jane. **Morte e vida das grandes cidades**. Martins Fontes, 2000.
- LYNCH, Kevin. **A imagem da cidade**. Martins Fontes: São Paulo, 2006.
- FELICIANO, Rosane. **Entrevista** concedida a Giane Maria de Souza e Gabriela Morais Pereira, 2009.
- FICKER, Carlos. **História de Joinville: Crônicas da Colônia Dona Francisca**. Joinville: Letra d' Água, 2008.
- FRANCISCO. Manoel. Artesãos deixam Calçadão após decisão da justiça. **Jornal A Notícia**. 02 jan. 2004. p.08 An Cidade Coluna geral.
- GARCIA, Fernanda Ester Sanchez. **A (in) sustentabilidade das cidades-vitrine**. In: ACSELRAD, Henri. (Org.) **A duração das cidades**. DP&A Editora: Rio de Janeiro, 2001.
- GUEDES, Tarcila. **O lado doutor e o gavião de penacho: movimento modernista e o patrimônio cultural no Brasil; O Serviço do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional (SPHAN)**. São Paulo: Annablume, 2000.
- KLITZKE, Scheila Patrícia. **Entrevista** concedida a Giane Maria de Souza e Gabriela Morais Pereira, 2009. Fig. 4.
- MAGNANI, Guilherme. **Ruas, suporte e símbolo da experiência urbana**. In: Núcleo de Antropologia Urbana da Universidade de São Paulo. USP: São Paulo, 2007.
- MARTINS, Heloísa Gonçalves. **Entrevista** concedida a Giane Maria de Souza e Gabriela Morais Pereira, 2009.
- MESTALL, Renato. **Entrevista** concedida a Giane Maria de Souza e Gabriela Morais Pereira, 2009.
- MORAIS, Silvério. Feirantes têm de deixar Rua do Príncipe. **Jornal A notícia**. An Cidade – Coluna gente. 28 jan. 2004. p.05.
- NASCIMENTO, Rubia Stein. **Entrevista** concedida a Giane Maria de Souza e Gabriela Morais Pereira, 2009.
- POLEZA, Rosimere. **Entrevista** concedida a Giane Maria de Souza e Gabriela Morais Pereira, 2009. Fig. 3.
- ROTHERD, Dietlind Clara. **Entrevista** concedida a Giane Maria de Souza e Gabriela Morais Pereira, 2009.
- SANTOS, Ivonete dos. **Entrevista** concedida a Giane Maria de Souza e Gabriela Morais Pereira, 2009. Fig. 5.
- WISCHRAL, Joice Maria Brum. **Entrevista** concedida a Giane Maria de Souza e Gabriela Morais Pereira, 2009.

XXVII SIMPÓSIO NACIONAL DE HISTÓRIA

Conhecimento histórico e diálogo social

Natal - RN • 22 a 26 de julho 2013

ANPUH
BRASIL

VELLOZO, Alice Cristina. **Entrevista** concedida a Giane Maria de Souza e Gabriela Morais Pereira, 2009. Fig. 2.

VAZ, Murad Jorge Mussi. **Por uma metodologia de leitura popular aplicada ao planejamento urbano**. Dissertação de Mestrado. Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2006.